



(Estylo Luiz XVI)

BARBARO

A Tito Bettencourt.

ENROSCAM-SE-LHE ao tronco as serpentes douradas
 Que, Cesar, mandei vir dos meus viveiros d'Africa.
 Mima a luxuria o nu — Salomé asiatica...
 Em volta, carne a arder — virgens suppliciadas.

Mitrado d'oiro e lua, em meu throno de Esphinges
 Dentes rangendo, olhar de insomnia e maldição
 Os teus colleios vis, nas infamias que finges,
 Alastram-se-me em febre e garras de leão.

Sibilam os reptis... Rojas-te de joelhos...
 Sangue te escorre já da bocca profanada...
 Como bailas o vicio, ó torpe, ó debochada —
 Densos sabbats de cio em frenesis vermelhos...

Mas ergues-te n'um espasmo, e ás serpentes dómas
 Dando-lhes a trincar teu sexo nu, aberto...
 As tranças desprendeste. O teu cabelo incerto
 Inflamma agora um halo a crispações e arômas.

Embalde mando arder as mirrhas consagradas:
 O ar apodreceu da tua perversão...
 Tenho medo de ti, n'um calafrio de espadas —
 A minha carne sôa a bronzes de prisão...

Arqueia-me o delirio — e suffoco, esbracejo...
 A luz enrijeceu zebrada em planos de aço...
 A sangue se virgúla e se desdobra o espaço...
 Tudo é loucura já quanto em redor alvejo...

Traço o manto e, num salto, entre uma luz que corta,
 Caio sobre a maldita... apunhalo-a em estertor...

.....

— Não sei quem tenho aos pés: se a dançarina morta,
 Ou a minh'Alma só que me explodiu de côr...

Camarate — Quinta da Victoria.
 Outubro de 1914.

∞ MARIO DE SÁ CARNEIRO ∞

(Para os «Indícios de Ouro», volume em preparação).